

FRANÇOIS BCESPFLUG, **Le Dieu des peintres et des sculpteurs: l'Invisible incarné**. Paris: Hazan / Musée du Louvre, 2010, ISBN 978 2 7541 0459 3, 272 p., 51 il., índices, bibl.

Depois da sua obra monumental, *Dieu et ses images* (2008)¹, Fr. François-Dominique Bcespflug O.P publica, em 2010, *Le Dieu des peintres et des sculpteurs: l'Invisible incarné*.

Trata-se do texto escrito das conferências que proferiu em Paris, no Museu do Louvre, na cátedra deste museu (*la Chaire du Louvre*).

Desde a sua tese de doutoramento 'de 3^e cycle' sobre o caso de Crescência de Kaufenbeure, defendida há quase 40 anos (Abril de 1983)², este padre da Ordem dos Pregadores (vulgo Dominicanos) tem-se dedicado à abordagem do tema de Deus na arte e, de modo particular, o tema da Trindade.

Tive a graça de o ter como supervisor da minha investigação no estrangeiro no âmbito do meu projeto de pós-doutoramento, e de seguir, de Outubro a meados de Dezembro de 2008, o curso por ele dirigido no Centre Sèvres - Facultés jesuites de Paris, no qual ele me convidou a proferir uma aula sobre as Anunciações com homúnculo. Os temas então abordados nesse curso, intitulado «“Il descendit du ciel”. L'incarnation dans l'art médiéval (XII^e-XV^e siècles)», constituem o núcleo dos assuntos abordados nos capítulos II e III do presente livro. A ele me refiro abundantemente no artigo que publiquei no número 17 desta revista, «*Annuntiationis Puer*. O Menino na Anunciação, em Portugal».

É uma boa síntese (de 164 páginas só de texto³, em pequeno formato⁴), escrita de uma forma muito didática, em pequenas porções de texto antecedidas de títulos e subtítulos que resumem bem o conteúdo das mesmas. Por isso, nesta recensão, traduzirei todos esses títulos e alguns dos subtítulos, explicando-os brevemente à luz do texto que eles precedem.

O autor já nos tinha habituado a sínteses magistrais, como «La Trinidad en el arte: un balance teológico», que realizou para as Atas do XXXIX Simpósio de teologia trinitária, em Salamanca, intituladas *La Trinidad en el Arte. Lenguajes simbólicos del misterio* (2004)⁵.

Esta obra pretende ser um ensaio documentado, realizado a partir da pesquisa feita para o já referido livro *Dieu et ses images* (2008). Propõe-se, no dizer do autor, ser

¹ *Dieu et ses images: Une histoire de l'Éternel dans l'art*. Montrouge: Bayard Éditions, 2008.

² Publicada com o título: *Dieu dans l'art. Sollicitudini Nostrae de Benit XIV (1745) et l'affaire Crescence de Kaufenbeuren*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1984.

³ Não contando nem as 51 ilustrações (distribuídas por 48 páginas) nem as 422 notas (em 30 páginas, a duas colunas), colocadas no final.

⁴ Metade de A4, aparado.

⁵ «La Trinidad en el arte: un balance teológico». In *La Trinidad en el Arte. Lenguajes simbólicos del misterio*. Salamanca: Ediciones Secretariado Trinitario, D.L., 2004.

uma visita guiada erudita a um património que hoje em dia corre o risco de se tornar incompreensível. Trata-se de uma «Cristologia pela imagem», pensando este Deus em imagens com as próprias imagens, naquilo a que Henri Loyrette, no prefácio, chama «teologia paralela» e «visão artística de Deus».

O livro está dividido em 5 capítulos (correspondendo às três conferências proferidas no Louvre), divididos em partes, e estas em alíneas, terminando cada capítulo por uma conclusão.

Na Introdução, o autor explica o título dado ao ciclo de conferências de que este livrinho resulta: 'O Deus dos pintores e dos escultores - o Invisível incarnado'. Um dos atributos de Deus é ser o Invisível. Mas o Deus tornou-se visível quando encarnou em Jesus Cristo – por isso o subtítulo da obra: «O Invisível incarnado»⁶.

François Boesplug confessa que, abrangendo este seu ensaio obras do século III ao XXI, privilegiou as realizadas na segunda metade da Idade Média, visto ser este período temporal aquele em que os artistas levaram mais longe a sua inventividade no que toca à representação da encarnação de Deus.

«As belas-artes», afirma o autor, «fornecem, revelam, exprimem e transmitem uma “visão” global de Deus». Isto seguindo a «razão narrativa» dos artistas, que compõem uma verdadeira «saga» da Encarnação do Verbo, e utilizam um «pensamento figurativo» coerente e distinto do «pensamento discursivo». O plano do livro segue um percurso narrativo parabólico de ida e volta do céu ao céu, da eternidade de Deus à eternidade de Deus, passando pela encarnação do Verbo, seu nascimento, morte, ressurreição e glorificação junto do Pai.

No capítulo I, intitulado «Deus feito Homem. Da imagem interdita à de um Deus “humano, demasiadamente humano...”», o autor revela-se o professor de História das Religiões⁷. Começa, numa 1ª parte por refletir sobre a interdição das imagens em duas das chamadas religiões abraâmicas, o Judaísmo e o Islamismo, para abornar numa 2ª o facto de, contrariamente às religiões tratadas anteriormente, na outra dessas religiões, o Cristianismo, serem permitidas as imagens de Deus, por causa da «humanidade de Deus» em Jesus Cristo. Após uma fase de aniconismo inicial, a arte cristã começa, no século III por reempregar formas da arte helenística que se prestavam a exprimir um novo sentido, como a do pastor com a ovelha às costas ou a do filósofo. Na segunda metade do século IV, e após o I Concílio de Niceia, aparece a imagem do Pantocrátor, insistindo-se na divindade de Cristo. O decreto do II Concílio de Niceia conduz à regra do cristomorfismo.

⁶ Utilizo as formas incarnado e encarnação, incarnar e incarnado sempre que as formas mais tradicional encarnação, encarnar e encarnado correm o risco de ser confundidas com o processo artístico de encarnar um estátua ou com a cor 'encarnado'.

⁷ Na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Estrasburgo.

Depois de referir dois casos em que a Santíssima Trindade é representada pela figura de Cristo em majestade, o autor aborda muito brevemente o surgimento dos diversos tipos de representações da Trindade. Já o tinha feito, de modo esquematizado, na introdução ao livro *La Trinité dans l'art d'Occident* (1ª ed. em 2000)⁸.

O II capítulo é consagrado à representação de «O Filho único no seio do Pai». Com o subtítulo de «Quando Deus delibera», depois de ter falado da representação binário-trinitária da *Paternitas*, frei François-Dominique detém-se longamente no chamado Conselho da Encarnação, referindo em seguida as imagens que figuram a missão aceite pelo Filho, em abaixamento voluntário.

O Pe. Bœspflug ocupa-se no capítulo central do seu livrinho (o III) de como os artistas representaram de forma visível o mistério da encarnação do Verbo, servindo-lhe de título a afirmação do credo niceno «Desceu do Céu». As várias etapas representadas levam o nosso autor a colocar a locução «A epopeia da Encarnação» como subtítulo deste capítulo. Efetivamente, os artistas representam a «convocação e envio de Gabriel», «a descida do Verbo» e a cena da Anunciação com a figuração de um homúnculo.

Depois de nos ter mostrado nos capítulos anteriores alguns quadros da pré-história de Cristo no céu, no IV capítulo, intitulado «Emanuel, “Deus entre nós”», o autor fala-nos de como os artistas representaram a existência histórica de Jesus Cristo na terra, mostrando-o já, à transparência, no ventre da Virgem Maria. Mas não se ficam por aí as liberdades dos artistas em relação à abstração dos teólogos. Eles representam Deus-Cristo com aspeto polimórfico, desde o de Menino e de Adolescente imberbe até ao de Adulto barbado e mesmo de Ancião encanecido, conforme as preocupações e a sensibilidade de cada tempo e região.

O frade pregador, irmão de hábito do grande Aquinate, demora-se na 3ª parte deste penúltimo capítulo na reflexão filosófico-teológica da representação do sofrimento não só de Cristo mas de Deus, intitulando essa parte «O Impassível que se torna passível». Enquanto o Deus dos filósofos e o dos teólogos e dos crentes não deixa lugar a qualquer especulação sobre o sexo de Cristo, outro tanto não se pode dizer do Deus dos «pintores»; apresentando o nosso historiador da arte, na 4ª e última parte deste capítulo, a fina observação das mudanças no comportamento dos artistas frente à representação ou não das partes pudibundas de Cristo adulto, conforme as várias épocas artísticas e os ditames da «decência».

O último capítulo do pequeno livro, intitulado «Deus de Glória: Dar a ver o Invisível», debruça-se primeiramente sobre a representação do «Vitorioso sobre a morte», «subido aos céus, sentado à direita de Deus». Apresenta as formas que revestem as figurações da Transfiguração e da Ressurreição, bem como da Ascensão e entronização

⁸ *La Trinité dans l'art d'Occident (1400-1460). Sept chefs-d'œuvre de la peinture*. 2ª ed. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 2006.

de Cristo, cabeça da Igreja. Segue-se a apresentação do papel de Cristo como Intercessor e como Juiz escatológico; para terminar com a forma como os artistas representam a Deus na visão beatífica dos santos.

A conclusão do último capítulo serve de conclusão a todo o livro. Mas demos lugar a uma tradução livre da prosa saborosa do autor, nem sempre fácil de verter para a nossa língua. Nesta conclusão, Fr. François Bœpflug faz uma reflexão entre «o “pensamento discursivo” dos tratados teológicos e o “pensamento figurativo” das obras de arte, entre os quais as obras de espiritualidade e as visões dos místicos fazem a ponte, assegurando a junção entre os dois mundos». «O Deus dos pintores e dos escultores não é redutível nem a um eco nem a um reflexo nem a um equivalente visual do Deus dos pastores e dos teólogos», afirma frei François, «nem a uma “tradução” em linhas e cores do Deus que a Bíblia dá a conhecer (...), nem a uma réplica escrupulosa do *Credo* ou do dogma», pois «as palavras e as formas não funcionam da mesma maneira». O Deus dos «pintores» não faz apelo somente ao mundo da sensibilidade, mas dá que pensar. «E sobretudo traz-nos um efeito de proximidade, de presença, uma vez que nos mostra um rosto, um olhar». O cristianismo é «uma religião de rostos», como afirma o teólogo ortodoxo Olivier Clément, citado por Bœspflug. A arte «contribuiu a tornar o *Credo* credível e amável (...) para o grande número», termina o nosso autor.

Fr. António-José de Almeida O.P.

Investigador de pós-doutoramento na Universidade do Porto
Bolseiro de Pós-Doutoramento da FCT e investigador do CITCEM
Académico correspondente da Academia Portuguesa de História
ajdalmzenit@gmail.com